

KNACK, C. O *eu* em suspensão: efeitos das categorias de pessoa e não pessoa em “Roland Barthes por Roland Barthes”. *ReVEL*, v. 23, n. 45, 2025. [www.revel.inf.br].

O EU EM SUSPENSÃO: EFEITOS DAS CATEGORIAS DE PESSOA E NÃO PESSOA EM “ROLAND BARTHES POR ROLAND BARTHES”

The Self in Suspension: Effects of the Categories of Person and Non-Person in “Roland Barthes by Roland Barthes”

Carolina Knack¹

carolinaknack@gmail.com

RESUMO: Este trabalho explora a escritura de Roland Barthes a partir da hipótese de que sua leitura dos textos de Émile Benveniste produziu efeitos não apenas em seu fazer teórico, mas também em seu fazer escritural. Considerando a semiologia como um saber que possibilita uma prática de escrita, busca-se mostrar, especificamente, o modo inventivo como Barthes lê as noções de pessoa e não pessoa propostas pelo linguista, deslocando-as tanto para, de modo geral, elaborar proposições teóricas em relação à situação do escritor em sua escritura quanto para, de modo particular, escrever sua obra “Roland Barthes por Roland Barthes” ([1975] 2017). A análise de biografemas dessa obra mostra como Barthes mobiliza o duplo sistema de pessoa e não pessoa para constituir a posição do sujeito na escritura. A alternância entre *eu* e *ele* pode ser lida como um gesto de enfrentamento à ilusão de que haveria um sujeito prévio ao discurso a ser unicamente restituído pelo *eu* na escritura.

PALAVRAS-CHAVE: Émile Benveniste; pessoa; não pessoa; escrita/escritura.

ABSTRACT: This paper examines the writing of Roland Barthes based on the hypothesis that his reading of Émile Benveniste’s work had an impact not only on his theoretical formulations but also on his writing practice. Taking semiology as a form of knowledge that enables a mode of writing, the study focuses on how Barthes engages with Benveniste’s notions of person and non-person in an inventive way. He displaces these linguistic categories both to develop broader theoretical reflections on the writer’s position in writing and, more specifically, to shape the composition of *Roland Barthes by Roland Barthes* ([1975] 2017). Through the analysis of selected biographèmes, the paper shows how Barthes mobilizes the double system of person and non-person to construct the subject’s position within the text. The alternation between “I” and “he” can be read as a gesture of resistance to the illusion that there exists a pre-discursive subject, one that could be simply restored by the “I” in writing.

KEYWORDS: Émile Benveniste; person; non-person; writing.

¹ Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Novo sujeito, nova ciência

Ele se sente solidário com todo escrito cujo princípio é de que *o sujeito é apenas um efeito de linguagem*. Ele imagina uma ciência muito vasta, na enunciação da qual o cientista se incluísse enfim – que seria a ciência dos efeitos de linguagem.

“Roland Barthes por Roland Barthes”
([1975] 2017: 92, grifos do autor)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O fragmento apresentado como epígrafe deste trabalho foi extraído da obra “Roland Barthes por Roland Barthes” ([1975] 2017)², uma espécie de autobiografia redigida pelo próprio Barthes ao longo dos anos de 1973 e 1974, publicada em francês em 1975. Sob a forma de fragmentos – os biografemas³ –, Barthes reúne anamneses⁴: lembranças de infância, percepções sobre a sua vida, reflexões sobre seu fazer teórico e escritural. A leitura de “Roland Barthes por Roland Barthes” desacomoda quem busca uma narrativa linear com apresentações factuais, na medida em que é o leitor quem precisa “compor, com esses fragmentos, um outro texto que é, ao mesmo tempo, do autor amado e dele mesmo – leitor” (Perrone-Moyses 1983: 15). Concomitantemente, a obra coloca em suspenso o movimento de tessitura dos sentidos, pois, para começar, Barthes ([1975] 2017: 11) adverte: “Tudo isso deve ser considerado como dito por uma personagem de romance.”⁵

De fato, a constituição do sujeito – vinculado quer à figura do autor, quer à do leitor quer à do personagem – não precede a linguagem: dela emerge como efeito. Eis o princípio destacado por Barthes no biografema em epígrafe. Tal princípio, caro

² A notação entre parênteses registrará dois anos: primeiro, entre colchetes, o ano de publicação original do texto; depois o ano da edição em consulta.

³ Biografema é um neologismo criado por Barthes e diz respeito a pormenores, traços, gostos que, em dispersão, relacionam-se à biografia. De acordo com Perrone-Moisés (1983: 15), “A biografemática – ‘ciência do biografema’ – teria como objeto pormenores isolados, que comporiam uma biografia descontínua; essa biografia diferiria da biografia destino, onde tudo se liga, fazendo sentido. O biografema é o detalhe insignificante, fosco; a narrativa e a personagem no grau zero, meras virtualidades de significação.”

⁴ Em “Roland Barthes por Roland Barthes”, o fragmento “Pausa: anamneses” apresenta em seus dois parágrafos finais a definição a respeito desse termo, bem como de “biografema”: “Chamo de *anamnese* a ação – mistura de gozo e de esforço – que leva o sujeito a reencontrar, *sem o ampliar nem o fazer vibrar*, uma tenuidade de lembrança: é o próprio haicai. O *biografema* (veja-se SFL, 13) nada mais é do que uma anamnese factícia: aquela que eu atribuo ao autor que amo.” (Barthes [1975] 2017: 126, grifos do autor). A sigla SFL refere-se à obra “Sade, Fourier, Loyola”.

⁵ Esse segmento, em destaque na abertura do livro, integra o fragmento “O livro do Eu” (Barthes [1975] 2017: 136-137), ao qual se retornará na seção 2 deste trabalho.

a ele, toma forma em diferentes proposições teóricas suas. Talvez uma das mais conhecidas seja a relativa à “morte do autor”, fundamentada, sobretudo, no conceito de enunciação do linguista Émile Benveniste. Em “A morte do autor”, Barthes ([1968] 2012c: 60) afirma que “a linguística acaba de fornecer para a destruição do Autor um instrumento analítico precioso, mostrando que a enunciação em seu todo é um processo vazio que funciona perfeitamente sem que seja necessário preenchê-lo com a pessoa [empírica] dos interlocutores [...]” (Barthes [1968] 2012c: 60).

Esse fundamento benvenistiano – o da enunciação como ato de apropriação da língua e sua conversão singular em discurso – permite a Barthes definir linguisticamente a categoria “autor”: “o autor nunca é mais do que aquele escreve, assim como ‘eu’ outra coisa não é senão aquele que diz ‘eu’: a linguagem conhece um ‘sujeito’, não uma ‘pessoa’, e esse sujeito, vazio fora da enunciação que o define, basta para ‘sustentar’ a linguagem [...]” (Barthes [1968] 2012c: 60). No mesmo ensaio, Barthes estende ao texto a singularidade enunciativa – “outro tempo não há senão o da enunciação, e todo texto é escrito eternamente *aqui e agora*” ([1968] 2012c: 61) – e, em “Escrever a leitura” ([1970] 2012e: 28), estende-a ao processo de leitura, compreendida como “esse texto que escrevemos em nós quando lemos”.

Os efeitos da leitura barthesiana de Benveniste são perceptíveis em distintos pontos de sua produção teórica, inclusive na relativa à semiologia. Pino (2018) empreende um percurso pelas anotações de Barthes a respeito dos seminários sobre semiologia ministrados por ele na (hoje) *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, de Paris, no período de 1962 a 1977. Alguns dos seminários foram publicados⁶, mas a pesquisadora atém-se às anotações não publicadas, as quais estão depositadas na Biblioteca Nacional da França. Sua análise dessas anotações, em especial das referentes ao seminário “Dez anos de semiologia: a teoria do texto”⁷, ministrado de 1971 a 1972⁸, indica que Barthes acaba por se deslocar de “uma semiologia saussuriana, baseada no signo, a uma nova semiologia, baseada na ideia de discurso de Benveniste” (Pino 2018: 79). O propósito do seminário, de caráter

⁶ Os seminários publicados são: “Sarrasine, de Balzac”; “Le lexique de l’auteur” e “Le discours amoureux”.

⁷ BARTHES, Roland. *Séminaire 1971-1972 [10 ans de sémiologie. La théorie du texte]*. Fonds Roland Barthes. NAF 23680. Bibliothèque Nationale de France. 1971-1972.

⁸ Esse seminário marca a ocasião dos 10 anos de seminários ministrados por Barthes na *École de Hautes Études en Sciences Sociales*.

teórico, era justamente apresentar uma espécie de balanço e mostrar como ocorreu essa migração.

Para Pino (2018), a prática semiológica volta a ocorrer no seminário “O léxico do autor” (1973-1974)⁹ e nas obras publicadas subsequentemente, como “O prazer do texto” (1973), “Fragmentos de um discurso amoroso” (1977) e “A câmara clara” (1980). A semiologia, segundo a autora, comparece então “não mais como um saber que ajude a compreender um sistema de significação, mas como um saber que permite desenvolver a prática da escrita” (Pino 2018: 84), uma escrita experimental, como também ocorre em “Roland Barthes por Roland Barthes” (2017 [1975]).

Por isso, a autora entende que não houve, efetivamente, uma ruptura com a semiologia e que se trata de um mesmo projeto que acompanhou Barthes, com deslocamentos e reconfigurações, ao longo de sua vida. Tanto é que em “Aula” (Barthes [1978] 2013), sua Aula Inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Collège de France, pronunciada em janeiro de 1977, a semiologia está relacionada à escritura, ao escritor, à literatura, esta última definida como “a prática de escrever” (Barthes [1978] 2013: 17).

É, pois, a própria escritura de Barthes que busco explorar neste trabalho, partindo da **hipótese** de que a leitura que ele empreende dos textos de Benveniste produziu efeitos não apenas em seu fazer teórico, mas também em seu fazer escritural. Tal hipótese advém justamente de minha leitura da obra “Roland Barthes por Roland Barthes” ([1975] 2017), na qual Barthes constitui-se como sujeito de linguagem ora por meio do emprego da primeira pessoa do singular, ora por meio do emprego da terceira pessoa do singular – em termos benvenistianos, por meio da categoria de pessoa e sua contraparte, a não pessoa.

Para desenvolver essa hipótese, primeiro, sistematizo alguns textos produzidos por Barthes em cujas proposições teóricas penso ser possível visualizar efeitos da leitura por ele empreendida acerca da categoria de pessoa proposta por Émile Benveniste; em seguida, exploro o livro “Roland Barthes por Roland Barthes”, em cuja escritura penso ser possível visualizar efeitos do modo como Barthes se apropriou dessa categoria e a ressignificou.

⁹ Esse seminário, como se verá na seção 2 do presente trabalho, desempenhou um papel importante para a concepção da obra “Roland Barthes por Roland Barthes” ([1975] 2017).

1. A TEORIZAÇÃO BARTHESIANA: EFEITOS DA CATEGORIA DE PESSOA BENVENISTIANA

A relação Roland Barthes - Émile Benveniste não é novidade aos leitores das obras de ambos os autores. Quanto a mim, parti de Benveniste e fui ao encontro de Barthes. Em estudo anterior (Knack 2020), indaguei, de modo geral, que efeitos teriam as reflexões benvenistianas sobre as barthesianas. Em um primeiro momento, busquei perceber, nos textos deste, vestígios das ideias daquele, as quais teriam contribuído, de algum modo, para proposições teóricas. A leitura dos ensaios “Por que gosto de Benveniste”, redigidos por Barthes em virtude das publicações de “Problemas de Linguística Geral I” (Benveniste [1966] 2005) e “Problemas de Linguística Geral II” (Benveniste [1974] 2006), levou-me a identificar a pertinência de algumas noções discutidas pelo linguista, dentre elas a categoria de pessoa, foco do presente trabalho.

Em “Por que gosto de Benveniste”, ao comentar a estrutura de “Problemas de Linguística Geral I”, Barthes ([1966] 2012a) evidencia a centralidade da categoria de pessoa, destacando tal categoria como “parte decisiva da obra, onde Benveniste analisa essencialmente a organização dos pronomes e dos tempos”. Esse destaque reaparece quando Barthes lista as “três contribuições mais importantes” do linguista: a voz média nos verbos indo-europeus, a estrutura dos pronomes pessoais e o sistema dos tempos em francês, todas relacionadas à noção de pessoa. Segundo Barthes ([1966] 2012a: 209), “Benveniste consegue arraigar essa noção numa descrição puramente linguística”, na medida em que o sujeito, como efeito de linguagem, está vinculado a uma instância de discurso. Barthes vê aí uma contribuição que extrapola o campo da linguística e interessa também à filosofia e à literatura, inclusive por permitir enfrentar velhas antinomias, como a do subjetivo e objetivo, indivíduo e sociedade, discurso e ciência.

A interlocução com Benveniste também se presentifica em outros ensaios do autor. Quanto à categoria de pessoa, há um texto em que Barthes dedica-se a explorá-la com certo detalhamento: trata-se do ensaio “Escrever, verbo intransitivo?” ([1966] 2012d)¹⁰, em que ele indica, prospectivamente, como a atividade de escritura poderia

¹⁰ Para um exame mais detalhado do ensaio a partir da relação Benveniste-Barthes, consultar Knack (2020).

ser pensada com a ajuda de categorias linguísticas. O texto é dividido em 6 itens: 1. Literatura e linguística; 2. A linguagem; 3. A temporalidade; 4. A pessoa; 5. A diátese; e 6. A instância do discurso.

Para fins deste trabalho, detalharei o modo como Barthes recupera o pensamento de Benveniste sobre a categoria de pessoa e como, em meu entender, sua leitura do linguista lhe permite teorizar a respeito da escritura e da relação do escritor com a língua. Para iniciar, Barthes apresenta a “pessoa” como uma categoria de alcance universal, associada à “antropologia da linguagem”. Em seguida, ele refere Benveniste para explicar essa categoria a partir de duas correlações: a de pessoalidade, que opõe a pessoa (*eu-tu*) a não pessoa (*ele*); e a de subjetividade, que opõe a pessoa *eu* a não *eu* (*tu*).

São as reflexões presentes em “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (Benveniste [1946]2005a) que são evocadas nesse trecho, embora Barthes não as refira textualmente. Nesse artigo, integrante da 5ª parte de “Problemas de Linguística Geral I”, Benveniste reexamina a tradicional categoria de pessoa, herdada da gramática grega, para compreender como e por quais princípios as tradicionais pessoas (primeira, segunda e terceira) se opõem. Para tanto, o linguista recorre primeiramente aos árabes, cuja nomenclatura gramatical indica que a primeira pessoa é *aquela que fala*, a segunda, *aquela a quem nos dirigimos* e a terceira, *aquela que está ausente*. Ao concluir que as duas primeiras implicam uma pessoa e um discurso sobre ela e, na terceira, o elemento pessoal falta, Benveniste define a categoria de pessoa (*eu* e *tu*) em oposição a não pessoa (*ele*), pontuando suas especificidades: a categoria de pessoa caracteriza-se pela unicidade – o *eu* que enuncia e o *tu* ao qual este *eu* se dirige são sempre únicos, ao contrário de *ele*, que pode ser vários sujeitos ou nenhum – e pela inversibilidade – o que *eu* define como *tu* pode inverter-se em *eu*, e *eu* torna-se um *tu*, o que não é possível ocorrer entre essas pessoas e *ele*, já que *ele* em si não especifica nada nem ninguém. A “terceira pessoa”, por sua vez, apresenta uma particularidade, pois é a única pela qual uma coisa pode ser predicada. Desse modo, buscando averiguar o que distingue as duas primeiras da terceira, Benveniste ([1946]2005a: 255) conclui que elas se opõem como os membros de uma correlação, a qual denomina “correlação de pessoalidade”: *eu* e *tu* possuem marca de pessoa e *ele* não. Contudo, *eu* e *tu* se opõem um ao outro, o que se dá através de outra correlação, que Benveniste ([1946]2005a: 255, grifos do autor)

denomina “correlação de subjetividade”: *eu* é “*interior* ao enunciado e *exterior* a ‘tu’, mas exterior de maneira que não suprime a realidade humana do diálogo [...]”. Além disso, “‘eu’ é sempre transcendente com relação a ‘tu’” ([1946]2005a: 255). Portanto, o *tu* é definido como pessoa não subjetiva, em relação à pessoa subjetiva que *eu* representa e “essas duas pessoas se oporão juntas à forma de ‘não pessoa’ (= ‘ele’)” (Benveniste [1946]2005a: 255, grifos do autor).

Retornando ao ensaio “Escrever, verbo intransitivo?”, é interessante observar o registro de Barthes ([1966] 2012d: 19) quanto à pertinência dessas proposições benvenistianas: “Para nosso uso, temos de fazer, com Benveniste, três observações”. Ou seja, as três observações terão, posteriormente, algum “uso” para Barthes.

Primeira observação: a polaridade das pessoas, condição fundamental da linguagem, é particular; nesse ponto, Barthes explica justamente a inversibilidade entre *eu* e *tu*, o que não ocorre quanto a *ele*, a não pessoa.

Segunda observação: a definição de *eu* é linguística; nesse ponto, Barthes recorre à definição proposta por Benveniste, citando-o entre aspas: “[...] *eu* nada mais é do que ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso a conter a instância linguística eu’ (Benveniste)” (Barthes [1966]2012d: 19, grifos do autor).

Os leitores benvenistianos imediatamente identificam que tal definição provém do texto “A natureza dos pronomes” (Benveniste [1956] 2005b: 278), também integrante da 5ª parte de “Problemas de Linguística Geral I”:

Qual é, portanto, a “realidade” à qual se refere *eu* ou *tu*? Unicamente uma “realidade de discurso”, que é coisa muito singular. *Eu* só pode definir-se em termos de “locução”, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*”. (Benveniste [1956] 2005b: 278, grifos do autor).

Vale destacar a noção de instância de discurso formulada nesse artigo por Benveniste ([1956] 2005b: 277): “[...] os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” – tal definição será, anos mais tarde, recoberta pelo termo “enunciação”. Voltemos a Barthes.

Terceira observação: “[...] o *ele*, ou não pessoa, nunca reflete a instância de discurso, situando-se fora dela” e sendo caracterizado justamente pela ausência das propriedades de *eu* e *tu* antes referidas (Barthes [1966]2012d: 19, grifos do autor).

Até esse ponto, vemos Barthes explicar os fundamentos das categorias linguísticas de pessoa e não pessoa. Dessas três observações, ele passa ao “uso” que delas pode fazer: “Desse esclarecimento linguístico, tiraremos algumas sugestões para uma análise do discurso literário” (Barthes [1966]2012d: 19). A partir disso, penso ser possível visualizar os **efeitos teóricos da leitura que Barthes realiza dos textos benvenistianos**, na medida em que ele deslocará categorias relativas à posição do sujeito na linguagem para pensar a posição do sujeito na escritura.

O primeiro apontamento de Barthes é o de que, independentemente das marcas presentes, o discurso da obra ficará submetido tanto à pessoa quanto a não pessoa.

Pensamos, em primeiro lugar, que, sejam quais forem as marcas variadas e muitas vezes astutas que a pessoa assume quando se passa da frase ao discurso, como acontece com a temporalidade, **o discurso da obra fica submetido a um duplo sistema, o da pessoa e o da não-pessoa**. O que causa ilusão é que o discurso clássico (no sentido lato) a que estamos habituados é um **discurso misto**, que alterna, em cadência frequentemente muito rápida (por exemplo, no interior de uma mesma frase), a **enunciação pessoal e a enunciação apessoal**, mediante um jogo complexo de pronomes e de verbos descritivos. Esse **regime misto de pessoa e não-pessoa produz uma consciência ambígua que consegue manter a propriedade pessoal do que enuncia, mas periodicamente rompe a participação do enunciador no enunciado** (Barthes [1966]2012d: 19-20, grifos nossos).

O segundo apontamento retoma a definição da primeira pessoa como determinada pela instância de discurso, fato que auxilia a compreender o esforço de escritores para buscar distinguir, na narrativa, a pessoa psicológica e o autor da escritura, de modo a agir contra um discurso de que a forma literária seria a “expressão de uma interioridade constituída atrás e fora da linguagem” (Barthes [1966] 2012d: 20). Nesse sentido, seria possível enfrentar uma “ilusão corrente das autobiografias e dos romances tradicionais”, pois “o sujeito da enunciação nunca pode ser o mesmo que agiu ontem: o *eu* do discurso já não pode ser o lugar onde se restitui inocentemente uma pessoa previamente guardada” (Barthes [1966] 2012d: 20).

Por fim, em um último apontamento, Barthes ([1966] 2012d: 21) relembra o fato de *eu* referir-se a quem fala e implicar “um ato sempre novo, mesmo que repetido, cujo ‘sentido’ é sempre inédito”. Por isso, ao ser “recebido” pelo interlocutor, haverá uma dissimetria: “Em outros termos, o *eu* de quem escreve *eu* não é o mesmo que o *eu* que é lido por *tu*” (Barthes [1966] 2012d: 21, grifos do autor).

Tal dissimetria, segundo ele, começa “[...] finalmente a preocupar a literatura mostrando-lhe que a intersubjetividade, ou, talvez melhor dizendo, a interlocução” se configura não pelo simples efeito do diálogo, “mas por uma descida profunda, paciente e muitas vezes desviada, no labirinto do sentido” (Barthes [1966] 2012d: 21). Assim finaliza o item 4.

A categoria de pessoa, embora dê título a esse item e seja nele detidamente explorada, é, na verdade, transversal ao ensaio “Escrever, verbo intransitivo?”. Tal categoria está implicada em outros conceitos, como na temporalidade (item 3 do ensaio), instaurada na e pela enunciação, uma vez que a relação do enunciador com a enunciação “[...] determina o sistema temporal do discurso” (Barthes [1966] 2012d: 17); e também na diátese, a voz verbal (item 5 do ensaio), que “[...] designa a maneira como o sujeito do verbo é afetado pelo processo” (Barthes [1966] 2012d: 22).

O autor ainda dirá mais sobre como as categorias linguísticas lhe permitem pensar a escritura. No item 6, intitulado “A instância de discurso”, vemos uma espécie de balanço de suas ideias: “[...] da mesma forma que a temporalidade, a pessoa e a diátese delimitam o **campo posicional do sujeito**, assim a literatura moderna busca instituir, através de experiências várias, uma **posição nova do agente da escritura na própria escritura**.” (Barthes [1966] 2012: 24, grifos nossos). Por isso, torna-se relevante a noção de instância de discurso proposta por Benveniste, entendida como o ato pelo qual o locutor¹¹ põe a língua em uso, e não mais a ideia de “instância da realidade (ou instância do referente)”. Com base nesse percurso, Barthes ([1966] 2012: 24) constata: “[...] o campo do escritor é a própria escritura, não como ‘forma’ pura, como foi concebida por uma estética da arte pela arte, mas de modo muito mais radical como único espaço possível de quem escreve”.

Desse modo, o escritor só se constitui como tal na e pela instância de discurso – na enunciação, portanto –, o que justifica a ideia de que a escritura é seu único lugar de existência. Logo, ganham centralidade as categorias linguísticas destacadas por Barthes, como pessoa, tempo e voz, pois, segundo ele, essas categorias nos colocam “no âmago de uma problemática da interlocução”. Eis alguns dos efeitos da

¹¹ “Locutor” é termo empregado por Benveniste para referir-se, sob o ponto de vista linguístico, àquele que fala. Trata-se, pois, de uma categoria linguística. Em “A natureza dos pronomes” ([1958] 2005b: 280-281), Benveniste explica: “É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como ‘sujeito’”. Os termos locutor, pessoa e sujeito não se recobrem. Para saber mais, consultar Knack (2025).

leitura barthesiana de Benveniste. Em outras palavras: o modo como Barthes lê a categoria de pessoa de Benveniste produz efeitos na sua teorização sobre escritura, já que o discurso revela a relação constitutiva entre o locutor-escritor e seu ato de dizer.

Para além desses efeitos na teorização de Barthes sobre escritura, penso ser possível perceber efeitos na própria escritura de Barthes. É a respeito dessa segunda parte da hipótese que a próxima seção tratará.

2. A ESCRITURA BARTHESIANA: EFEITOS DAS CATEGORIAS DE PESSOA E NÃO PESSOA EM “ROLAND BARTHES POR ROLAND BARTHES”

O livro “Roland Barthes por Roland Barthes”, redigido pelo próprio Barthes ([1975] 2017), relaciona, de algum modo, vida e obra. Pode, porém, ser definido por aquilo que, primeiro, ele não é: não é um livro autobiográfico clássico, linear; “Este não é um livro de ‘confissões’ [...]” (Barthes [Lucidez] 2017: 137)¹²; “[...] nem um texto de vaidade, nem um texto de lucidez, mas um texto de aspas incertas, de parênteses flutuantes (nunca fechar parênteses é exatamente: *derivar*)” (Barthes [O imaginário] 2017: 122, grifo do autor); “Embora feito, aparentemente, de uma sequência de ‘ideias’, este livro não é o livro de suas ideias; é o livro do Eu, o livro de minhas resistências a minhas próprias ideias [...]” (Barthes [O livro do eu] 2017: 136).

É possível, talvez, estender a essa obra de Barthes o que ele percebe na de Proust, conforme registra no ensaio “Durante muito tempo fui dormir cedo” ([1978] 2012f: 354): “Essa desorganização da biografia não é a sua destruição. Na obra, numerosos elementos da vida pessoal são conservados, de maneira identificável, mas esses elementos estão de certo modo *desviados*.” Um dos desvios está vinculado exatamente à enunciação e, portanto, à categoria de pessoa:

O primeiro desvio é o da pessoa enunciativa (no sentido gramatical da palavra “pessoa”). A obra proustiana põe em cena – ou em escritura – um “eu” (o Narrador); mas **esse “eu”, se assim se pode dizer, já não é exatamente um “eu” (sujeito e objeto da autobiografia tradicional): “eu” não é aquele que se lembra, se confia, se confessa; é aquele que enuncia;** quem é posto em cena por **esse “eu”** é

¹² Quanto à referência entre parênteses, a partir desta seção, quando da citação de algum trecho de fragmento da obra “Roland Barthes por Barthes”, será inserido entre colchetes o título do fragmento, em vez do ano original da publicação, para facilitar a identificação pelo leitor em relação aos fragmentos mobilizados.

um “eu” de escritura, cujas ligações com o “eu” civil são incertas, deslocadas. (Barthes [1978] 2012f: 354-355, grifos nossos).

De fato, a suspensão desse “eu civil” é reiterada em “Roland Barthes por Roland Barthes”. Evidentemente, o leitor que conhece algo da vida de Barthes consegue perceber os fios ali tramados. Inclusive, as fotos pessoais do autor são um convite a esse enlace. Vale, no entanto, lembrar: “Tudo isso deve ser considerado como dito por uma personagem de romance.” (Barthes ([1975] 2017: 11).

Aliás, as fotos compõem as páginas iniciais do livro. Pode-se dizer que ele é organizado em duas partes, assim intituladas no sumário: “Imagens” e “Fragmentos”. Na primeira parte, há fotos de Barthes, de seus familiares, de lugares em que viveu, todas acompanhadas de anotações que evocam e provocam sentidos. A respeito dessas imagens, explica Barthes ([1975] 2017: 13): “[...] elas são a cota de prazer que o autor oferece a si mesmo, ao terminar seu livro”.

Já na segunda parte, há a escrita de fragmentos, os biografemas¹³, sobre seus gostos, suas vivências, suas percepções sobre uma multiplicidade de temas que o atravessam e o constituem. Sobre isso, explica que o imaginário¹⁴ das imagens será detido – ainda que surjam, por vezes, entre os biografemas, reproduções de manuscritos e de ilustrações – para que outro imaginário avance, o da **escritura**, sendo essa a “intenção deste livro”: **“sem nunca ser retido, garantido, justificado pela representação de um indivíduo civil**, para que ele [o imaginário] seja livre de seus próprios signos, jamais figurativos, o texto prosseguirá sem imagens, exceto as da mão que traça”. (Barthes [1975] 2017: 14, grifos nossos). Corpo e palavra assim se entrelaçam e convidam o leitor a recompor, com os fragmentos, um texto outro, pertencente ao mesmo tempo ao autor reverenciado e a ele próprio, como leitor (Perrone-Moisés 1983).

¹³ O biografema, vale retomar, é uma noção formulada por Barthes em *Sade, Fourier e Loyola*, retomada no seminário “O léxico do autor” e que, de acordo com Pino (2016), tem sido referência em escritas de autoficção; diz respeito a “elementos-de-vida-chave” que ultrapassam o autor e atingem o leitor.

¹⁴ *Imaginário* é termo recorrente em Barthes, sobretudo na obra em questão. Nela, inclusive, há um biografema intitulado “O imaginário”, cuja complexidade impede a síntese em poucas linhas. Ainda assim, cabe referir uma das definições presentes no último parágrafo (redigido entre parênteses): “(Em seu grau pleno, o Imaginário se experimenta assim: tudo o que tenho vontade de escrever a meu respeito e que finalmente acho embaraçoso escrever. [...])”. (Barthes [1975] 2017: 122). Cabe ressaltar que Barthes nutre uma relação com a psicanálise, motivo pelo qual Imaginário é redigido, por vezes, com inicial maiúscula. Há um biografema sobre essa relação, nele qualificada como *indecisa* (Barthes [1975] 2017: 167).

Há ainda que se observar o contexto de elaboração dessa obra. O livro surgiu a partir de um convite do editor de uma coleção – “Écrivains de toujours”, em que críticos comentam trechos de obras clássicas – para que Barthes então comentasse trechos de suas próprias obras. Segundo Pino (2024), o fato, contraditório à ideia barthesiana de “morte do autor”, acabou por mobilizar Barthes pela possibilidade de desdobrar-se em autor e personagem.¹⁵ A escritura do texto põe em cena justamente o **sujeito como efeito de linguagem**, princípio caro a Barthes e do qual ele fala no fragmento reproduzido como epígrafe deste trabalho.

Falemos desse sujeito como efeito de linguagem. Não passa despercebido ao leitor o modo como Barthes enuncia em “Roland Barthes por Roland Barthes”. O primeiro fragmento já coloca em questão o emprego da pessoa verbal, ou melhor, o emprego da não pessoa que dá forma àquele que escreve:

Ativo/reactivo

No que **ele** escreve, há dois textos. O texto I é reativo, movido por indignações, medos, desaforos interiores, pequenas paranoias, defesas, cenas. O texto II é ativo, movido pelo prazer. Mas ao escrever-se, ao corrigir-se, ao submeter-se à ficção do Estilo, o texto I se torna ele próprio ativo; perde então sua pele reativa, que só subsiste por placas (em minúsculos parênteses). (Barthes [1975] 2017: 55, grifo nosso)

Mais do que mostrar como, efetivamente, o discurso da obra está submetido ao “duplo sistema” pessoa e não pessoa – afinal, todo e qualquer uso da língua está submetido a esse “duplo sistema”, na medida em que *eu* fala a *tu* sobre algo, o *ele* –, talvez o interessante seja buscar perceber **como o locutor-escriptor fala de si por meio dos dois modos de enunciação**¹⁶, numa espécie de “discurso misto”, cujo efeito é o de uma “[...] consciência ambígua que consegue manter a propriedade pessoal do que enuncia, mas periodicamente rompe a participação do enunciador no enunciado” (Barthes [1966]2012d: 20).¹⁷

¹⁵ De acordo com Pino (2024), Barthes levou ao seminário “O léxico do autor”, ministrado entre 1973 e 1974, a ideia de escrever junto a seus alunos a obra em questão. Ele teria pedido a dois alunos que escolhessem palavras que se repetiam em sua obra e, então, o próprio Barthes selecionaria as que ele julgasse mais “saborosas”. Os alunos deveriam apresentar seminários sobre elas e Barthes, por sua vez, em suas anotações, refletiria sobre cada uma delas no geral e em seus textos particularmente. Porém, Pino (2024: 75) ressalta que “No arquivo, só encontramos o registro das anotações de Barthes, que em nada correspondem ao que será desenvolvido depois no livro”.

¹⁶ A expressão “modos de enunciação” não tem aqui valor teórico: diz respeito às maneiras pelas quais o locutor apropria-se da língua e, singularmente, converte-a em discurso.

¹⁷ Um aspecto interessante a ser observado envolve o uso de parênteses por Barthes: no primeiro biografia da obra, ele explica que há algo de seus textos que “subsiste” em “minúsculos parênteses”.

Barthes, escrevendo seja na categoria de pessoa (situando-se como *eu*) seja na de não pessoa (situando-se como *ele*), fala do próprio ato de escritura e de suas percepções sobre as relações do/de um escritor – um sujeito de linguagem – com a língua-discurso e os sentidos que emergem dessas relações. São esses elementos que, sob uma aparente dispersão, podem ser percebidos no tecido que configura o livro, como um fio temático que o leitor precisa delicadamente ter em suas mãos para alinhar e tecer um outro texto, “esse texto que escrevemos em nós quando lemos” (Barthes [1970] 2012e: 28). É esse “fio” que, sob a forma de “critério”, leva-me a selecionar alguns biografemas para explorar neste trabalho. Começamos com “O livro do Eu”.

O livro do Eu

Suas “ideias” têm alguma relação com a modernidade, ou com aquilo que chamam de vanguarda (o sujeito, a História, o sexo, a língua); mas **ele resiste a suas ideias**: seu “eu”, concreção racional, a elas resiste incessantemente. Embora feito, aparentemente, de uma sequência de “ideias”, **este livro não é o livro de suas ideias; é o livro do Eu, o livro de minhas resistências a minhas próprias ideias**; é um livro *recessivo* (que recua, mas também, talvez, que toma distância).

Tudo isso deve ser considerado como dito por uma personagem de romance – ou melhor, por várias. Pois o imaginário, matéria fatal do romance e labirinto de redentes nos quais se extravía aquele que fala de si mesmo, o imaginário é assumido por várias máscaras (*personae*), escalonadas segundo a profundidade do palco (e no entanto *ninguém* por detrás). O livro não escolhe; ele funciona por alternância, avança por lufadas de imaginário simples e de acessos críticos, mas esses mesmos acessos nunca são mais do que efeitos de repercussão; não há imaginário mais puro do que a crítica (de si). A substância deste livro, enfim, é pois totalmente romanesca. A **intrusão**, no discurso do ensaio, de uma **terceira pessoa que não remete entretanto a nenhuma criatura fictícia**, marca a necessidade de remodelar os gêneros: que **o ensaio confesse ser quase um romance: um romance sem nomes próprios**. (Barthes [1975] 2017: 136-137, grifos nossos)

É, no mínimo, intrigante perceber que “O livro do Eu” principia falando da posição do escritor via categoria de não pessoa *ele*: “ele resiste a suas ideias”, “este livro não é o livro de suas ideias”. “O livro do Eu” é, ao contrário, um livro de resistências apresentado, por sua vez, via categoria de pessoa *eu*: “o livro de minhas resistências a minhas próprias ideias”. Essa alternância no uso de pessoa e não

De fato, ao longo da escritura, os parênteses são frequentemente utilizados, inclusive “enformando” parágrafos inteiros.

pessoa pode ser lida como um gesto de enfrentamento à “ilusão corrente das autobiografias e dos romances tradicionais” de que haveria um sujeito prévio ao discurso a ser unicamente restituído pelo *eu* na escritura, mas que tampouco equivalerá ao “eu que é lido por tu”.

Nada mais “afrontoso” que, de um lado, definir esse *eu* como “um ‘eu’ de escritura, cujas ligações com o ‘eu’ civil são incertas, deslocadas” (Barthes [1978] 2012: 354-355, grifos nossos) e, de outro lado, evocar esse *eu* sob a forma linguística *ele*, privada de tudo aquilo que define a *pessoa*, como a unicidade e a inversibilidade, conforme explica Benveniste. Esse *ele*, essa “terceira pessoa que não remete entretanto a nenhuma criatura fictícia” e opera uma “intrusão” no discurso, embaralha as fronteiras de uma velha antinomia, a do subjetivo e objetivo.

Barthes, em “Da ciência à literatura” ([1967] 2012b), já havia pensado sobre os efeitos de sentido advindos da constituição do sujeito por meio das categorias de pessoa e não pessoa:

Toda enunciação supõe o seu próprio sujeito, quer esse sujeito se exprima de maneira aparentemente direta, dizendo *eu*, quer indireta, designando-se como *ele*, quer nula, recorrendo a formulações impessoais; trata-se de engodos puramente gramaticais, variando apenas o modo como o sujeito se constitui no discurso, ou seja, dá-se, teatral ou fantasisticamente, aos outros; todas designam formas do imaginário. (Barthes [1967] 2012b: 9)

Independentemente do modo como o sujeito enuncia, há sujeito, portanto, há subjetividade, sendo esta entendida, sob o prisma de Benveniste ([1958] 2005c), justamente como uma propriedade da linguagem, em outras palavras, como a capacidade de o locutor, ao apropriar-se da língua e enunciar, propor-se como sujeito. Vê-se que a objetividade é, no discurso, “um imaginário como qualquer outro” (Barthes [1967] 2012b: 9).

Essa “velha antinomia” – subjetividade/objetividade – também comparece no biografema “**Quanto a mim, eu**” (em francês, “Moi, je”), em que Barthes refere um estudante americano que entende que “subjetividade consiste em falar de si, e a falar bem de si”. Barthes explica: “O que ocorre é que ele é vítima de um velho par, de um velho paradigma: *subjetividade/objetividade*. Entretanto, hoje, o sujeito se coloca *alhures*, e a ‘subjetividade’ pode voltar num outro trecho da espiral: desconstruída, desunida, deportada, sem ancoragem [...]” (Barthes [1975] 2017: 185, grifos do autor).

A escritura de Barthes é o lugar dessa “espiral”: o sujeito emerge na desconstrução, por vezes sem ancoragem na categoria de pessoa.

Não por acaso, na sequência do fragmento, Barthes comenta os pronomes pessoais e sentidos possíveis nos usos de *eu*, *você* e *ele*, dentre os quais destaco o último: “[...] falar de si dizendo ‘ele’, pode querer dizer: falo de mim *como se estivesse um pouco morto* [...]”; e ainda: “[...] ‘ele’ é mau: é a palavra mais maldosa da língua: pronome da não pessoa, ela anula e mortifica seu referente; não se pode aplicá-lo, sem mal-estar, à pessoa que se ama: chamando alguém de ‘ele’, visualizo sempre uma espécie de assassinato pela linguagem [...]” (Barthes [1975]2017: 186, grifos do autor).

Ora, lembremo-nos do que diz Benveniste em “Estrutura das relações de pessoa no verbo” ([1946]2005a) quanto ao emprego da não pessoa e seu valor como “forma de ultraje”:

Essa posição totalmente particular da terceira pessoa explica alguns dos seus empregos particulares no domínio da “palavra”. Podemos ligá-las a duas expressões de valor oposto. *Ele* (ou *ela*) pode servir de forma de alocação em face de alguém que está presente quando se quer subtraí-lo à esfera pessoal do “tu” (“vós”). De um lado, à maneira de reverência: é forma de polidez (empregada em italiano, alemão ou nas formas de “majestade”) que eleva o interlocutor acima da condição de pessoa e da relação de homem a homem. De outro lado, em testemunho de menosprezo, para rebaixar aquele que não merece nem mesmo que alguém se dirija “pessoalmente” a ele. Da sua função de forma não pessoal, a “terceira pessoa” tira essa capacidade de se tornar igualmente bem uma forma de respeito que faz de um ser muito mais que uma pessoa e uma forma de ultraje que pode anulá-la como pessoa. (Benveniste [1976] 2005a: 254, grifos do autor).

Retornando ao biografema, há ainda que se observar o que diz Barthes sobre o emprego inusitado de *ele* e *eu*: “por vezes, para irrisão de tudo isso, o ‘ele’ cede seu lugar ao ‘eu’, pelo simples efeito de um embaraço sintático: pois numa frase um tanto longa, o ‘ele’ pode remeter, sem prevenir, a muitos outros referentes que não eu.” (Barthes [1975]2017: 186).

Nesse ir e vir entre pessoa e não pessoa, Barthes se “re-escreve” no presente de sua enunciação escrita, afinal, como já destacado anteriormente, “o sujeito da enunciação nunca pode ser o mesmo que agiu ontem: o *eu* do discurso já não pode ser o lugar onde se restitui inocentemente uma pessoa previamente guardada” (Barthes [1966] 2012d: 20). No presente da escrita, que reinventa o vivido ao mesmo tempo em que o produz como memória, que esse *eu* se instaura.

É, assim, com uma colcha de retalhos, um “pachtwork”, que o leitor lidar:

Pachtwork

Comentar-me? Que tédio! **Eu não tinha outra solução a não ser a de me re-escrever – de longe, de muito longe – de agora: acrescentar aos livros, aos temas, às lembranças, aos textos, uma outra enunciação, sem saber jamais se é de meu passado ou de meu presente que falo.** Lanço assim sobre a obra escrita, sobre o corpo e o *corpus* passados, tocando-os de leve, uma espécie de *patchwork*, uma cobertura rapsódica feita de quadrados costurados. Longe de aprofundar, permaneço na superfície, porque desta vez se trata de “mim” (do Eu) e porque a profundidade pertence aos outros. (Barthes [1975] 2017: 159-160, grifo negrito nosso).

Outros biografemas poderiam, ainda, ser explorados quanto ao modo como o escritor se funda na sua escritura e como reflete sobre seu fazer escritural. Penso, porém, que os poucos fragmentos aqui reunidos já permitem que se percebam os efeitos, na prática escritural de Barthes, de sua incursão na obra de Émile Benveniste.

As reflexões sobre as categorias de pessoa e não pessoa propostas pelo linguista não apenas repercutiram na teorização de Barthes sobre a escritura, mas também foram ressignificadas na sua própria escritura, no caso do presente trabalho, na escritura de “Roland Barthes por Roland Barthes”.

Barthes não só percebe a categoria de pessoa – em articulação com a não pessoa – como central na obra de Benveniste, como também a lê de modo perspicaz e inventivo, na medida em que desloca tal categoria linguística e a confronta com a situação do escritor em sua escritura: ele não apenas *pensa* sobre pessoa e não pessoa, ele escreve sobre si na pessoa e na não pessoa. Num hibridismo de ensaio e autobiografia (ou autoficção), o escritor se (des)dobra, se fragmenta, se experimenta, se instaura na dupla possibilidade que a língua lhe oferta, pessoa e não pessoa. Se há aí alguma singularidade, ela reside no escrutínio dos sentidos que emergem dos diferentes modos de o locutor enunciar em sua escritura e dela advir como sujeito de linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS**A palavra média**

Ao falar, não estou certo de buscar a palavra justa; procuro antes evitar a palavra tola. Mas como tenho algum remorso de renunciar cedo demais à verdade, fico na *palavra média*. (Barthes 2017 [1975]: 147, grifos do autor)

Iniciei a escritura deste trabalho com uma epígrafe-biografema a partir da qual destaquei um princípio fundamental a Barthes: “o de que o sujeito é apenas um efeito de linguagem”. Foi esse princípio, de certa forma, que direcionou meu percurso de leitura da obra “Roland Barthes por Roland Barthes”. Como, nessa obra, o locutor-escritor se instaura como sujeito?

Parti da **hipótese** de que a leitura dos textos de Benveniste realizada por Barthes produziu efeitos não apenas em seu fazer teórico (cf. seção 1), mas também em seu fazer escritural, de forma que busquei observar, na obra em questão, como o locutor-escritor falava de si, do próprio ato de escritura, de suas percepções sobre as relações do/de um escritor – um sujeito de linguagem – com a língua-discurso e os sentidos que emergem dessas relações (cf. seção 2).

Foi Barthes ([1966]2012d: 19) quem indicou o caminho: “sejam quais forem as marcas variadas e muitas vezes astutas que a pessoa assume quando se passa da frase ao discurso [...], o discurso da obra fica submetido a um duplo sistema, o da pessoa e o da não-pessoa.” Na verdade, reitero, todo e qualquer discurso está submetido a esse duplo sistema. Restava pensar sobre como, no caso da obra, esse duplo sistema era mobilizado de modo único e particular. Desdobrando-se em pessoa e não pessoa, Barthes testemunha que outro sujeito não há senão aquele fundado na escritura: “eu’ não é aquele que se lembra, se confia, se confessa; é aquele que enuncia” (Barthes [1978] 2012f: 355).

Nesse sentido, a obra “Roland Barthes por Roland Barthes” parece se oferecer como um fragmento do mosaico semiológico barthesiano, mosaico que seguirá sendo composto, por exemplo, em sua “Aula” inaugural da Cadeira de Semiologia Literária em 1978, em que Barthes apresenta sua poética definição de semiologia:

[...] a semiologia (deveria eu precisar novamente: a semiologia daquele que aqui fala) não é uma hermenêutica: ela pinta, mais do que perscruta, *via di porre* mais do que *via di levare*. Seus objetos de predileção são os textos do Imaginário: as narrativas, as imagens, os retratos, as expressões, os idioletos,

as paixões, as estruturas que jogam ao mesmo tempo com uma aparência de verossimilhança e com uma incerteza de verdade. Chamaria de bom grado “semiologia” o curso das operações ao longo do qual é possível – quiçá almejado – usar o signo como um véu pintado, ou ainda uma ficção. (Barthes [1977] 2013: 42, grifos do autor).

Tudo isso está em “Roland Barthes por Roland Barthes”, não propriamente como objeto de um discurso *sobre semiologia*, mas como o próprio discurso da obra. Seria essa semiologia a “nova ciência”, uma “ciência dos efeitos de linguagem”, ancorada no princípio do “novo sujeito”, o de que “o sujeito é apenas um efeito de linguagem”? Disso falaremos mais.

O resultado do percurso que apresento neste trabalho, se assim se pode dizer, não é propriamente uma análise da obra de Barthes: é “Simplesmente um texto, esse texto que escrevemos em nossa cabeça quando a levantamos” ao ler (Barthes [1970] 2012: 27). Na escritura do meu texto-leitura, não estou certa de ter conseguido buscar a “palavra justa”, como diz Barthes no biografema que abre esta seção final. Mas, certamente, busquei evitar a “palavra tola”. O leitor deste texto me dirá se consegui ficar na “palavra média”.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Por que gosto de Benveniste [1966; 1974]. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a.
- BARTHES, Roland. Da ciência à literatura [1967]. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b.
- BARTHES, Roland. A morte do autor [1968]. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012c.
- BARTHES, Roland. Escrever, verbo intransitivo? [1970]. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012d.
- BARTHES, Roland. Escrever a leitura [1970]. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012e.
- BARTHES, Roland. Durante muito tempo fui dormir cedo [1978]. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012f.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes* [1975]. 2. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da carreira de Semiologia Literária do Colégio de França*. Trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BENVENISTE, Émile. Estrutura das relações de pessoa no verbo [1946]. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005a.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes [1956]. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005b.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem [1958]. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005c.

KNACK, Carolina. A linguagem (re)descoberta: contornos prospectivos da leitura barthesiana de Benveniste. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 3, p.702-719, jul.-set.2020.

KNACK, Carolina. Sujeito. In: TOLDO, Claudia; FLORES, Valdir do Nascimento (Org.). *Guia conceitual da Linguística de Benveniste*. São Paulo: Contexto, 2025.

PERRONE-Moisés, Leyla. *Roland Barthes: o saber com sabor*. 2. ed. São Paulo: Editora Braziliense, 1985.

PINO, Claudia Amigo. Do saber à aventura: a semiologia nos seminários de Roland Barthes. *Manuscritica*, n. 35, p. 78-89, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177907>

PINO, Claudia Amigo. Fragmentos de um método: experiências a partir da didática de roland Barthes. *Revista Criação & Crítica*. n. 40, p. 68-87. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/230535/210723>

PINO, Claudia Amigo. De um corpo para outro: Roland Barthes e a biografemática. *Revista Criação & Crítica*, 17, p. 15-29, 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/124012>